



TELEJORNALISMO E IMAGINÁRIO: UMA ANÁLISE MITOCRÍTICA DA TRANSPOSIÇÃO DO “VELHO CHICO”

Zulenilton Sobreira Leal*
Eunice Simões Lins**

Resumo: Nosso objetivo foi analisar as imagens simbólicas construídas no telejornal da “TV Grande Rio”, afiliada à rede Globo de Televisão, que se encontra à margem do rio São Francisco. Nossa pesquisa é descritiva, documental e como método de análise, utilizamos a mitocrítica proposta por Gilbert Durand. Como resultado apresentamos um recorte do estudo onde analisamos a narrativa de uma reportagem sobre o tema da transposição, referente aos meses de novembro a dezembro de 2007. O período foi escolhido por apresentar uma forte demanda da mídia a nível nacional e regional que ganhou notoriedade com a greve de fome, do Bispo Luís Flávio Cáprio, em protesto contra o projeto de transposição do Governo Federal. Dessa forma, foi possível analisar como o telejornalismo local opera esse imaginário sobre o “velho chico” e a transposição, bem como se dá o diálogo entre logos e mythos, na narrativa do telejornal.

Palavras-chave: Telejornalismo. Imaginário. Transposição.

Abstract: Our objective was to analyze the symbolic images constructed in the TV news program of “TV Grande Rio”, affiliated to the Globo TV network, which is located on the banks of the São Francisco River. Our research is descriptive, documentary and as a method of analysis, we use the mitochristic proposed by Gilbert Durand. As a result we present a study cut where we analyze the narrative of a report on the subject of transposition, referring to the months of November to December of 2007. The period was chosen for presenting a strong demand of the media at national and regional level that gained notoriety with The hunger strike, by Bishop Luís Flávio Cáprio, in protest against the project of transposition of the Federal Government. In this way, it was possible to analyze how local television journalism operates this imaginary about the “velho chico” and the transposition, as well as the dialogue between logos and mythos, in the narrative of the television news.

Keywords: Telejournalism. Imaginary. Transposition.

* Universidade do Estado da Bahia – UNEB,
Salvador, BA, Brasil.
Mestre em Comunicação pela Universidade
Federal da Paraíba-UFPB
Professor na UNEB.
E-mail: niltonredacao@gmail.com

** Universidade Federal da Paraíba-UFPB,
João Pessoa, PB, Brasil.
Doutora em Sociologia pela UFPB.
Professora na Universidade Federal da Paraíba -
UFPB.
Líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia
do Imaginário-GEPAL.
E - mail: euniceslins@gmail.com



REVISTA
MEMORARE



www.portaldeperiodicos.unisul.br

ISSN 2358-0593

1. Introdução

O homem como um ser simbólico sempre se utilizou de imagens para norteá-lo em sua existência, assim, consideramos que todo esse pensamento do Homo sapiens traz, na sua essência, imagens que geram ideias e permitem a construção do conhecimento, o que influencia diretamente nas suas práticas sociais. Nesse ponto prestigiamos a imaginação como função psíquica fundamental para a criação dessas imagens, que alimentadas também pela tecnologia, ganham cada vez mais importância na consolidação dos laços sociais.

No caso específico do nosso objeto de estudo, “o telejornalismo”, que possui uma linguagem áudio visual, tivemos a intenção de analisar as imagens simbólicas construídas no telejornal da “TV Grande Rio”, afiliada à rede Globo de Televisão, localizada na cidade de Petrolina-PE, que se encontra à margem do rio São Francisco, bem como, a relação dessas imagens com o imaginário da região, e o projeto de transposição das águas do rio São Francisco, ou “Velho Chico”. Apresentamos neste artigo a análise de uma das reportagens sobre a greve de fome do religioso Bispo Cáppio, da Diocese de Barra, na Bahia, que por quase um mês se alimentou apenas da água do rio São Francisco, num protesto contra a transposição das águas.

Com base nessa ação, consideramos que para além dos discursos e argumentos técnicos do telejornal existe uma forte simbologia envolvendo a transposição do velho chico, o que nos estimula a pensar esse fenômeno através de uma teoria mais fluida, que descarta a tentativa objetiva de descrição do mundo. Para isso realizamos uma análise através da mitocrítica, proposta por Gilbert Durand. Sendo assim, pressupomos existir na constituição das reportagens uma ligação entre razão, contexto histórico e mitológico.

Segundo Gomes (2011), o social tanto em função do real quanto em função do irreal, tanto da objetividade quanto da subjetividade, é compreendido em sua tradição, invenção e transformação. A autora destaca a pulsão e a diversidade do humano, que tanto sobre a luz da ciência, ou da sensibilidade e da imaginação tece no seu dia a dia uma complexa rede de relações sociais que o ajudam a compreender e sentir o mundo ao seu alcance.



Essa capacidade do homo de imaginar, de estar ligado ao imponderável pode ser considerada uma das essências do espírito humano, um conhecimento sensível, mas que influencia nosso dia a dia “a raiz de tudo aquilo que, para o homem, existe” (PITTA, 2005, p. 15). Essa ligação com o simbólico está presente em muitas das ações cotidianas, numa espécie de interpretação e significação do mundo. Para Durand (1997) o pensamento humano se dá na forma de representação e configura-se através das articulações simbólicas. Essas articulações simbólicas promoveriam um sentido uma forma de perceber as mensagens do telejornal em sua totalidade. Percebe-se assim, que o uso da razão pura e científica como caráter utilitarista falha em oferecer a esse homem verdades absolutas quando menospreza no seu discurso o uso da razão sensível, não considerando que razão e sensibilidade convivem juntas e constituem os sujeitos.

Diante desse cenário, entendemos que no jornalismo, os profissionais envolvidos na produção dos telejornais são atores sociais que compartilham um quadro de imagens, não apenas materiais, concretas, palpáveis e visíveis aos olhos, mas também constituídas de matéria subjetiva e povoadas por imagens, símbolos e mitos, elementos aparentemente distantes de uma lógica “objetiva”, tão difundida pela mídia como bandeira de isenção e credibilidade, mas que acreditamos poder influir diretamente no ângulo de produção e construção da notícia.

Nesse universo de técnicas e subjetividades nos deparamos com os mitos, que quando narrados pelo telejornal retratam as experiências humanas e suas formas de dar sentido à vida, compartilhando de experiências e interações simbólicas, que acreditamos atravessar todo o processo de construção de sentidos no telejornalismo e que norteia nosso estudo, pressupomos assim, a possibilidade de que os profissionais envolvidos no telejornal não estão preocupados em somente dar informação clara e objetiva, mas também em emocionar, estimular a indignação e até mesmo divertir a audiência numa interação entre matrizes arquetípicas, ou seja, imagens universais permeadas de contextos sociais, históricos e culturais.

Para Motta (2006) os textos jornalísticos refletem muito mais que o cotidiano, nos dando a possibilidade de vivenciar experiências estéticas, fáticas e diegéticas produzindo assim, o efeito narrativo. Assim, acreditamos que o jornalismo de forma geral, muito além do seu discurso objetivo e institucionalizado, estrutura o real numa recriação dos mitos, que podem estar evidentes ou além dos sentidos imediatos do

texto. Essa característica aparece na elaboração da narrativa, que se dá não só na escolha do ângulo da história ou no corte que o jornalista faz do real, mas também, na construção simbólica do enredo e de suas ações descritas.

2. Então o que é imaginário?

Nossa intenção consiste em apresentar o imaginário de forma sucinta alicerçados no pensamento de Durand (2012) e Maffesoli (2001), buscando entender o social em todas as suas dimensões, sejam elas lógicas ou oníricas, palpáveis ou não, onde o real e a realidade caminham ao lado das pulsões subjetivas e também concretas. Então o que seria esse Imaginário?

Ao construirmos esse pensamento pressupomos que as emoções e os sentimentos são partes integrantes do processo de pensar. Diante desse quadro ao atribuímos sentido à vida, colocamos em ação uma função da mente que é a imaginação. Essa imaginação age em todas as culturas e raças proporcionando uma rica experiência simbólica, que estimula os sujeitos a criarem e reinventarem mundos face a implacável existência da morte, assim aquilo que se apresenta como natural ganha outras dimensões, é transformado para adquirir significados. Em tudo damos sentido de forma a vivermos esse mundo simbólico, que tão quanto a razão e a ciência é imprescindível para o conviver em sociedade.

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela aspectos da realidade- os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Por isso, seu estudo nos permite melhor conhecer o homem, “o homem simplesmente” aquele que ainda não se compôs com condições da história. Cada ser histórico traz em si uma grande parte da humanidade anterior à História”. (ELIADE, 1991, p.8).

Ao assumir essa postura o autor nos estimula a refletir o quanto o pensamento, a imaginação e as imagens estão intrinsecamente relacionados a nossa essência humana e como tais elementos do espírito, influenciam objetivamente nossas práticas sociais, sejam elas pessoais ou coletivas. Nesse aspecto o imaginário está



presente em todos os tempos, culturas e nações, ligando nosso mundo interno, ao externo de forma a promover imagens que constroem sentidos diante da trajetória humana. Durand nos demonstra que através de núcleos organizadores (constelações e arquétipos) existem correlações entre maneiras de agir e pensar do ser humano de diferentes épocas ou lugares do mundo. A teoria do imaginário, pautada aqui em Durand, trata do processo da imaginação humana, daquilo que é comum entre os homens desde seus primórdios, nesse aspecto o imaginário deve ser entendido como algo mais amplo que um conjunto de imagens. Seria o imaginário um conjunto de forças que move o homem desde os primórdios da existência alimentando seu espírito de várias sensações, ultrapassando assim, um sentido restrito somente à imagem. Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário.

Nesse aspecto, refiro-me a todo tipo de imagens: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas. Há um imaginário parisiense que gera uma forma particular de pensar a arquitetura, os jardins públicos, a decoração das casas, a arrumação dos restaurantes, etc. O imaginário de Paris faz Paris ser o que é. Isso é uma construção histórica, mas também o resultado de uma atmosfera e, por isso mesmo, uma aura que continua a produzir novas imagens. (MAFFESOLI, 2001, p.76).

O imaginário não seria então um mero álbum de fotografias mentais, nem um museu da memória individual ou social, tampouco se restringiria ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. “O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente.” (SILVA, 2006, p. 9). O imaginário estaria também associado não apenas ao indivíduo, mas ao grupo ao qual ele está inserido, promovendo uma união em torno de força simbólica.

Por outro lado, o telejornalismo segundo Vizeu (2008) une a população estimulando vínculos afetivos, promovendo um sentimento de pertencimento nos sujeitos, num processo em que o estar junto reforça o ideal comunitário, e com isso o compartilhamento de imagens. Nesse sentido, acreditamos que símbolos e mitos são socioculturalmente construídos, trazendo à tona nas narrativas do telejornal memórias coletivas da humanidade num processo que vai além das rotinas de produção.

Maffesoli (2001) compreende que o imaginário se aproxima daquilo que Walter Benjamin chamou de ‘aura’, ou seja, uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, a construção mental de um povo; o imaginário é o imponderável; é o estado



de espírito que une um povo, o coletivo; é o cimento social que estabelece vínculo; é a fonte comum de modos de olhar a realidade; é um estilo; é a aura de uma ideologia; é a alquimia que é ao mesmo tempo impalpável e real.

A teoria geral do imaginário, criada por Durand (2012, p. 41) “trajeto antropológico”, consiste na “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico.”

É diante desse quadro que a teoria quebra preceitos, lógicas positivistas e utilitarismos, revelando novas formas de perceber o mundo, o social. Tal percepção trazida pela teoria do imaginário nos revela um novo olhar, daquele trazido pelas luzes do iluminismo que ofuscaram outros conhecimentos em nome de uma razão lógica e pura.

O homo do iluminismo ou o homo illuminatus seria então capaz de revelar ao mundo os segredos do universo, dominar os fenômenos da natureza, desvendar o mistério oculto do cosmo, aplicar seu saber na fabricação de ferramentas e tecnologias que seriam capazes de controlar toda a complexidade da existência, revelando que a ciência e a razão conduziram o homem a sua ampla potência.

Esse mesmo homem teria então poder de expulsar os ídolos da superstição e credences que ainda insistiam em aparecer, e finalmente encontrar a unidade de todas as coisas. Nesse cenário acreditamos que a teoria do imaginário chega como uma contraposição aos princípios epistemológicos e regras metodológicas da ciência moderna, que através de um modelo global e totalitário se prendeu a um pensamento sem imagem e também arbitrário.

Esse pensamento alimentava-se dos ideais da razão, da técnica e da ciência, onde todos esses valores desaguiam no final de tudo na construção de um mundo melhor. Tal constatação pode ser visualizada na base filosófica platônica, que ao instaurar uma divisão fundamentada na ideia de um mundo sensível, e outro das ideias, acaba por inibir outras formas de constituição do conhecimento, formas essas onde a imaginação é suspeita de ser amante do erro e da falsidade.

Entretanto Durand (1996), lembra que por trás de todo esse processo hipócrita do iconoclasmo oficial, o mito continuou a ramificar seus galhos, graças ao avanço da mídia que reintroduziu as imagens no uso do pensamento cotidiano.



A motivação de Durand ao estudar o imaginário era buscar, nos componentes fundamentais do psiquismo humano, as estruturas profundas arquetípicas, nas quais se ancoram as representações simbólicas e o pensamento. Era estudar o homem como produtor de imagens, conhecer as que o estruturam e todas as suas obras. Para isso, partiu do pressuposto de que se pode reconhecer, geneticamente, na psique de cada indivíduo vários níveis matriciais, nos quais se constituem os elementos simbolizantes do símbolo, ou seja as forças de coesão impulsionadoras das atitudes psicofisiológicas que padrões símbolo-culturais vão derivar, acentuar, apagar ou reprimir numa dada sociedade. (TEIXEIRA 2004, p. 4).

Entendemos a partir dessa definição que para Durand, o imaginário está dentro de um processo biopsicossocial, onde o biológico através da herança genética e a cultura dos indivíduos promovem construções objetivas e influenciam diretamente na constituição da vida, esse processo daria então sentido a um trajeto antropológico ou dois regimes: o diurno (da posição, das armas, do masculino, da elevação e purificação) e o noturno (da nutrição, do feminino, do ciclo). O regime diurno seria das oposições, separações, divisões, e o noturno seria das conciliações, unificações, complementações. Nesse aspecto as narrativas míticas funcionam como uma síntese de situações as quais estamos sempre a enfrentar nas relações mundanas, independente do espaço e do tempo. Sobre esse assunto: Mircea Eliade, historiador, filósofo e mitólogo descreve o caráter múltiplo e complexo de interpretação do mito:

O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos “começos”. Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma “criação”: descreve como uma coisa foi produzida, como começou a existir. (ELIADE, 2004, p. 13).

Tanto Campbell (1990) quanto Durand (1988) mostram que a criação do mito é reação da natureza contra a representação da inevitabilidade da morte. Nesse cenário a busca de sentido estaria para uma tarefa intelectual, enquanto a busca da experiência de estar vivo é mais profunda, corporal, psicossomática (forma do corpo e estrutura da mente). Nessa busca os sujeitos sociais evocam o mito, captam sua mensagem e são ajudados a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivos, nesse aspecto Campbell nos afirma:



Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim, penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivo, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar dentro de nós mesmos. (CAMPBELL, 1990, p. 18).

Ao falarmos desse quadro imagético ao qual o homem está inserido, propomos uma relação entre as narrativas construídas no telejornal e a relação dessas construções com o imaginário, abandonando a opção racionalista radical que tomou o ocidente. Nesse caso, o interesse sai de uma relação dogmática para uma relação de comunhão de ideias que não deixam de fora do processo de construção do conhecimento, a razão sensível, que liga outros conhecimentos presentes nas artes, nas religiões e no senso comum.

Essa mesma perspectiva que questiona a atitude moderna de considerar o que durante muitos anos associou o imaginário somente ao místico, ou fantasioso, vem perdendo força com o avanço dos estudos do imaginário, que o enxergam como um traço real da humanidade, e que sempre guiou e uniu os indivíduos em suas relações simbólicas na realidade social. É nesse momento que acreditamos que o homem se desprende de uma lógica cartesiana, vivendo os tempos históricos e míticos, transformando o mundo para enfrentar o seu destino ontológico (CAVALCANTI, 2015). Nesta perspectiva, o mundus imaginalis, o mundo da conexão, não privilegia um lado em detrimento do outro, nem pode ser separado de ambos, ele é a ponte que une dois lados, é o rio que corre entre margens, logo esse imaginário é real e conduz o homem nas suas relações poéticas, imaginativas, e racionais, revelando como essas construções mentais podem ser eficazes em relação ao concreto.

3. Percurso Metodológico

A escolha de uma metodologia parte de uma pulsão do pesquisador em tentar encontrar ferramentas que ofereçam um caminho, onde a sensibilidade e o saber científico caminhem juntos e promovam o conhecimento em sua potencialidade criativa, afetiva e transformadora. Nesse mesmo sentido, para ser considerada válida, essa



metodologia deve demonstrar-se eficaz em responder as questões propostas, de modo a oferecer um caminho, uma direção no campo do saber.

Ao tentar estabelecer uma relação com a teoria do imaginário de Gilbert Durand e o telejornal, buscamos compreender como esse produto emoldura o social através dos seus enquadramentos e representações, estimulando a imaginação e fazendo circular símbolos e mitos numa relação marcada por uma linguagem específica, e por interações. Pressupomos que assim como a arte, a literatura, o jornalismo em particular o praticado na TV, estimula o processo simbólico e traz mensagens e imagens, que ajudam o homem na compreensão da sua trajetória, de modo a entender o que está além do imediato diário.

Diante dos métodos oferecidos na teoria do imaginário, optamos pela Mitocrítica, metodologia que visa depreender a partir das manifestações culturais de uma dada sociedade quais são os mitos diretores que estão por trás destas produções. Sendo assim, a reportagem como produto social e as interações provenientes desse processo podem estar inseridas dentro de formas universais de perceber e narrar as histórias, o que reforça nosso pressuposto, que a mídia alimenta e res significa o mito.

Levando em consideração o caráter da pesquisa, optamos por um trabalho descritivo, do tipo documental. A nossa pretensão foi darmos conta da razão interna que move os atores sociais (nesse caso os jornalistas) na construção de narrativas que falam sobre a transposição do rio São Francisco, tentando captar suas percepções, tanto plurais como oníricas, na elaboração e veiculação das reportagens. Enfim, a pesquisa é descritiva porque buscamos compreender a atmosfera estética, sentimentos e emoções compartilhados, numa situação mundana. Seria descrever as vibrações míticas numa situação social, onde os mitos nos ajudam a entender as relações humanas e guardar a chave para a compreensão de nossas ações na vida, oferecendo modelos, que conduzem o ser humano a concretude.

Em qualquer época ou tempo, o mito estará diretamente ligado a conflitos fundamentais da vida, a exemplo do medo, do orgulho e das perdas. A pesquisa também tem um caráter documental, porque nossa fonte de informação é uma das reportagens veiculadas pelo noticiário da TV Grande Rio, em Petrolina. A reportagem foi escolhida por estar dentro de um contexto que representou uma forte demanda da mídia a nível nacional e regional para falar sobre o assunto, que ganhou notoriedade com a greve de



fome, em protesto contra o projeto do Governo Federal, do religioso, Luís Flávio Cáppio, Bispo da diocese de Barra, no Estado da Bahia, que por quase um mês, não comeu, se alimentando apenas da água do rio.

A ação do religioso dividiu opiniões e também sensibilizou a sociedade. Pressupomos que tal ação estimulou uma sacralização da vida mundana em torno do mito, ou seja, o mito passou a viver na ação do religioso e essa imagem mitológica parece ter sido ampliada e difundida através do telejornal. Nosso interesse então é perceber como a TV alimentou através de suas narrativas esse imaginário sobre o rio e a transposição, analisando como acontece esse diálogo entre logos e mythos, na narrativa jornalística. Nesse tópico também revelamos qual percurso adotamos para escolher esses documentos (reportagens em detrimento de outros). Fizemos essa caracterização a partir da visão de Lucia Santaella (2001), levando em questão a construção da reportagem e sua veiculação com arquétipos e mitos, presentes tanto nas imagens, quanto no enquadramento do depoimento do religioso. Nesse caso, analisamos também os depoimentos dos ribeirinhos e representantes de movimentos sociais. A intenção foi tentar perceber se existe um elemento mítico na forma de contar a história da transposição pelas lentes do telejornal local, e como esse elemento estrutura-se.

Quanto ao território da mensagem, trata-se de reportagem televisiva que apresenta relatos tanto do religioso, quanto dos próprios ribeirinhos, gente da comunidade, que nos enquadramentos dado pela emissora parecem trazer uma ideia de que o rio está doente e precisa ser revitalizado antes de uma transposição.

Quanto ao território do código, refere-se a matéria jornalística, ou seja, os signos são organizados em termos de informações úteis para o público. Portanto, a gramática do telejornalismo é informativa e de utilidade pública. As reportagens dão a comunidade informações recentes dos acontecimentos sobre o projeto do governo e da greve de fome do bispo. O noticiário também traz informações sobre as obras em Cabrobó, cidade também localizada no sertão Pernambuco e escolhida como um dos eixos para as obras que vão transportar a água. As reportagens procuram esclarecer a população se as obras continuam paradas por conta de uma liminar, ou se voltaram. O noticiário também passa informações sobre as caravanas que chegam para visitar o religioso, em apoio a não transposição, e informam sobre o estado de saúde do bispo que piorava a cada dia.



Quanto ao território dos meios e o modo de produção os documentos selecionados são todos audiovisuais (reportagens jornalísticas) exibidas pela TV Grande Rio. A maioria das reportagens obedece a lógica do telejornal e são veiculadas variando entre 1:30 a 3:00 minutos. Uma característica interessante é que grande parte das reportagens foram gravadas durante o dia, em ambientes abertos e com muita luminosidade, onde as águas do velho Chico são evidenciadas.

Quanto ao contexto comunicacional da mensagem, a reportagem refere-se aos protestos contra a transposição do velho Chico, na região do submédio São Francisco, no período de outubro a dezembro de 2007 e que culminaram com a greve de fome do Bispo, Luis Flávio Cáppio, ocorrida na capela de São Francisco de Assis, na cidade de Sobradinho, pequeno município do sertão baiano. O período chama atenção pelo alcance social do protesto, o que trouxe grande repercussão ao assunto, principalmente na região do vale do São Francisco.

A região que hoje é conhecida nacional e internacionalmente como vale do São Francisco, é onde estão localizadas as cidades de Petrolina, em Pernambuco e Juazeiro, na Bahia. Os dois municípios desenvolveram-se em torno dos projetos da fruticultura irrigada, e hoje são polos de exportação das frutas brasileiras. Nesse cenário acreditamos existir uma aura que envolve todo um pensamento simbólico sobre a importância do rio para o desenvolvimento econômico e social da região.

4. Análise da Narrativa Mítica no Telejornal

4.1. Quanto à reportagem

O produto midiático que compõem nosso objeto de estudo são reportagens televisivas, veiculadas por uma TV local, com o tema voltado a transposição das águas do rio São Francisco. Nesse ponto buscamos recuperar a questão do imaginário e da metodologia no estudo proposto por Durand (1985), onde através da *mitocritica* nossa intenção foi analisar como a narrativa do telejornal posiciona-se dentro de um quadro mítico, fugindo de discursos cartesianos e puramente objetivos. Vejamos a análise da reportagem através do esquema mitocritico:



INÍCIO/GREVE FOME

<<https://youtu.be/x16ERpJr1-k>>

OFF// A IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, EM SOBRADINHO/ A CINQUENTA QUILOMETROS DE PETROLINA/ FOI O LOCAL ESCOLHIDO PELO BISPO DIOCESANO// **NA MANHÃ DE HOJE DOM LUIS FLÁVIO CAPPIO COMEÇOU A GREVE DE FOME EM PROTESTO CONTRA A TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO//** EM CABROBÒ E FLORESTA /NO SERTÃO DO ESTADO/ AS OBRAS DA TRANSPOSIÇÃO SEGUEM NORMALMENTE//

SONORA; FREI CÁPIO – “A presença nossa aqui na capela de São Francisco de Assis, é emblemática, mostra evidencia a situação crítica que se encontra o rio São Francisco”

OFF//AS VISITAS QUE O BISPO RECEBE A TODO INSTANTE/ DEMONSTRAM A SOLIDARIEDADE DOS RIBEIRINHOS //

SONORA; MORADORA DA CIDADE “**Ele como um servo fiel do senhor. Ele tá lutando por uma causa justa**

OFF// **O FRANCISCANO PASSOU O PRIMEIRO DIA BEBENDO APENAS ÁGUA DO RIO/ E O TRABALHO DA PARÓQUIA NÃO PAROU//** HÁ MAIS DE QUARENTA ANOS ELE DEDICA A VIDA A CAUSAS AMBIENTAIS//

PASSAGEM - Repórter - EM DOIS MIL E CINCO / **O RELIGIOSO FEZ UM JEJUM QUE DUROU ONZE DIAS//DESTA VEZ ELE NÃO PRETENDE PARAR ENQUANTO TIVER FORÇAS/ E AFIRMA QUE O RIO SÃO FRANCISCO PRECISA DE SOCORRO//**

SONORA: Volta Frei Cápio “Há bem pouco tempo atrás nós dizíamos, o rio são Francisco está na UTI, seria tão bom que ele tivesse na UTI, se ele estivesse na uti, teria médicos, teria cuidados, mas, o rio são Francisco não está na UTI, ele está na fila do SUS e não sabe se vai ser atendido, por isso estamos aqui.

Foi exatamente no dia ensolarado, onde aparece a igreja de São Francisco de Assis, uma pequena capela localizada no meio de uma praça, cercada por pequenos arbustos típicos da região que acontece a primeira reportagem. Logo em seguida, para situar o local a reportagem exhibe uma pequena avenida da cidade de Sobradinho, cidade do interior baiano, com pouco movimento de carros e pessoas. Posteriormente as imagens se voltam para dentro da capela onde encontra-se o Bispo, vestido com a roupa de franciscano sendo entrevistado.

A imagem de São Francisco de Assis ao fundo se faz presente no decorrer da entrevista, nesse momento a câmera se volta para os gestos manuais do Bispo Cápio. A narrativa segue sobre a transposição, e são apresentadas imagens do trecho da obra com veículos e máquinas trabalhando numa área em Cabrobó, no sertão Pernambucano. Nota-se que são caminhões e tratores em movimento.



Na sequência, entra a fala do Bispo esclarecendo: “A presença nossa aqui na capela de São Francisco de Assis, é emblemática, mostra evidencia a situação crítica que se encontra o rio São Francisco”. Em seguida vemos o religioso conversando com um grupo de pessoas. Logo após entra a fala de uma moradora que diz: “Ele como um servo fiel do senhor. Ele tá lutando por uma causa justa”.

As imagens mostram agora o Bispo tomando água em um pequeno copo de cor amarela, nesse quadro é evidenciado pelo repórter que ele toma apenas água, e do rio, na sequência das imagens aparecem pessoas dentro da capela. Em seguida, vem a passagem do repórter (quando o repórter aparece no vídeo) com a Igreja ao fundo. No texto ele diz: “Em dois mil e cinco o religioso fez um jejum que durou onze dias. Desta vez ele não pretende parar enquanto tiver forças, e afirma que o rio São Francisco precisa de socorro”. A reportagem é encerrada com a volta da fala do Bispo que mais uma vez aparece com a imagem de São Francisco de Assis ao fundo, o que ressalta o imaginário da luta, do destemido, pronto a enfrentar o combate, nessa hora o franciscano volta a tecer críticas ao projeto e diz: “Há bem pouco tempo atrás nós dizíamos, o rio São Francisco está na UTI, seria tão bom que ele tivesse na UTI, se ele estivesse na uti, teria médicos, teria cuidados mas, o rio São Francisco não está na UTI, ele está na fila do SUS e não sabe se vai ser atendido, por isso estamos aqui”.

4.2. Quanto ao Mitema

Na reportagem analisada tanto na narrativa do repórter, quanto no relato dos entrevistados percebemos um núcleo comum, onde a imagem do destemido é sempre evidenciada com a ideia do combate em sacrifício pelas águas do rio. Em todos os fragmentos dos discursos apresentados nota-se uma ideia central, um meio que norteia a narrativa, revelando-se assim, o mitema, do *destemido*, aquele que une a fé, o senso de justiça e a determinação, e é capaz de doar-se pelo que acredita, enfrentando estruturas maiores do que poderíamos imaginar, nesse caso o destemido apresenta-se como a menor unidade significativa das narrativas analisadas, ou seja, a unidade constitutiva do mito, no sentido de ser uma feixe das relações, que dão função significativa desse mito, nas palavras de Levi Strauss (1996, p. 24).



Gomes (2014) diz que esse quadro comum das narrativas não se prende apenas ao significado textual; mas, sobretudo, porque refere-se a uma percepção intuitiva da realidade que nos ultrapassa, e nos faz sentir dentro de um cenário onde razão e emoção se acoplam. A fala dos entrevistados reforça que ele é um exemplo. Nesses relatos a imagem que sobressai é sempre a mesma, a de um “soldado em guerra”, vestido com a indumentária sacerdotal (remete a São Francisco de Assis) para lutar pela vida do rio, e também a vida dele, em meio a uma estrutura política, onde aqui vamos encontrar as imagens de vida e morte, de enfrentamento, do guerreiro contra o monstro devorador sedento, que nesse caso seria o projeto de transposição, projeto esse que tem como objetivo segundo o religioso, acabar, secar, matar o rio, tomar toda a sua água e sua vida, como uma garganta sem fim. É o combate da luz contra as trevas, seria essa a unidade constitutiva desse mito retratado na narrativa jornalística. Assim o quadro aqui apresentado mostra o quanto as narrativas do telejornal apelam para seus códigos simbólicos, que são compartilhados com seu público, tanto em textos quanto nas imagens, a fim de provocar a comoção e representações universais e arquetípicas de altruísmo e luta, onde o imaginário social atravessa tanto o jornalismo como o seu público.

4.3. Quanto ao Mitologema

Aplicando nossa metodologia, vamos agora evidenciar a situação mitológica, que envolve a narrativa jornalística e sua construção simbólica da transposição das águas do rio São Francisco e da luta de um religioso contra esse projeto. Vamos aqui identificar o mitologema, seria, portanto, um tema constituído de unidades menos significativas e menos redundantes do que o mitema, mas, que também ajudam na consolidação do mito. Como nos afirma (TEIXEIRA, 2004).

O mitologema consiste na modulação do mitema, numa situação mitológica, ou seja, “é o resumo abstrato e empobrecido de uma situação mitológica, um simples esqueleto da obra”, segundo Gomes e Silva, (2011, p.89). Destacamos nesse processo a tônica dada pelo telejornal, estabelecendo uma relação com outras repetições do mitema que aqui pode ser enquadrado como *o medo da morte do rio e da própria morte*, ideia que também aparece em todo conjunto da narrativa jornalística, visto tanto



na construção do texto, quanto também nas entrevistas dos ribeirinhos e enquadramento das imagens.

Notamos que existe um movimento que impulsiona a construir uma imagem de combate marcada também pela solidariedade e ligação com o divino. Existe também nesse cenário uma relação evidente com a imagem de desenvolvimento proporcionada pelas águas, que em terras sertanejas transforma cenários e produz riquezas.

São águas que nesse quadro podem gerar vida ou morte, mas que agora estão ameaçadas, o que contrapõe a ideia central da transposição de levar vida para todo o resto do Nordeste. Esse medo da morte do rio parece acompanhar toda a narrativa produzindo relatos onde a vida humana passa a ser uma extensão desse rio.

4.4. Quanto à Narrativa Canônica

A narrativa canônica consiste na sistematização do mito. Ela não diz respeito a um resumo dos textos, mas procura levar em consideração todas as lições de um mito, tentando apontar o modelo delas (GOMES, 2011). A partir das narrativas canônicas, é possível perceber em qual padrão os mitos ou o mito está organizado dentro da reportagem analisada.

Nesse aspecto é preciso encontrar a tendência geral dos gestos apresentado na reportagem, que nos possibilita entender a formação e a mensagem do mito. No texto e imagens apresentados pela narrativa do telejornal notamos um reforço ao combate, ao estar firme de pé para enfrentar o “Monstro” da transposição, que chega forte e possui um grande poder. Nesse ponto, o arquétipo do herói do regime de diurno de imagens ganha destaque e conduz o roteiro numa troca de elementos simbólicos e culturais.

Chamamos atenção aqui para o fato de que na reportagem analisada não existe em nenhum momento qualquer intimidação na fala do religioso, pelo contrário, na fala dele há um sentimento de obstinação e coragem. Um homem disposto a continuar um sacrifício de não se alimentar para conquistar seu objetivo, onde a sua própria vida está em jogo. Ao se colocar assim, essa ação e esse gesto dizem respeito aos símbolos ascensionais, cuja a característica é a verticalidade, que tem relação com o combate, com a divisão, e que entre outros fatores ressalta também o altruísmo, presente



no arquétipo do herói. Como afirma Gilbert Durand (2001), o imaginário é a arma que é dada ao ser humano para vencer o medo da morte e a angústia do tempo.

Em todo esse quadro apresentado até aqui a narrativa jornalística mostra-se como um mensageiro, que vem dar notícias desse herói, que em meio a todo apoio recebido encontra-se forte e sem medo. A mensagem presente nos relatos nos revela a ideia de superação, do acreditar do vencer o medo que nos habita e nos fragiliza, na busca de nossos ideais, assim é possível perceber o eixo desse mito a superação.

4.5. Quanto às Variações do mito

Ao construirmos a narrativa canônica nos deparamos também com a questão da variação do mito, que em todo nosso estudo aparece nos ângulos da vida e da morte. Assim, observamos uma mudança dentro do próprio cenário do nosso recorte sobre da transposição das águas do rio São Francisco, sendo que, nos relatos jornalísticos para o Bispo e os ribeirinhos a imagem que aparece é do medo da morte, da seca. Em outro momento notamos que esse mesmo rio é vida, tanto para os ribeirinhos quanto para as outras cidades do nordeste que serão abastecidas por essas águas que podem mudar cenários.

A transposição do velho chico chega a ser considerada como algo divino, que vai acabar com a escassez de água no sertão Nordestino, e com isso revitalizar a vida em todas as suas dimensões, garantindo um desenvolvimento social e econômico.

Na linha simbólica nictomórfica do regime diurno encontra-se a água que foi o primeiro espelho do homem. A água tenebrosa, é substância simbólica da morte, porque nasce na fonte e não volta jamais a ela, sendo também, símbolo do tempo (GOMES, 2011, p. 98).

Nesse aspecto reafirmamos a ideia do quanto o mito muda sua roupagem dando novos sentidos e promovendo variações. No nosso caso específico, vida e morte convivem intensamente em toda a narrativa, dando sentido a um enredo marcado por técnicas e visões oníricas do acontecimento. Portanto, consideramos que a pulsão que emerge desse sentimento alicerça imagens significativas de vida e morte, (GOMES, 2011) de Eros e Tanatos, revelando uma variação desse mito que se liga a outros da



nossa humanidade que trazem na sua essência um trajeto antropológico que Durand afirma está entre os dois regimes diurno e noturno.

4.6. Quanto às Constelações Mitológicas

Nessa última fase de análise nos deparamos com o caráter universal do mito e suas ramificações. Entendemos que essa característica comum na narrativa aqui não fica presa somente ao caráter textual, mas sim a uma percepção intuitiva da realidade, que nos ultrapassa e que nos faz agir diante das relações cotidianas. Nesse caso, a noção de que o homem por mais técnico, mais moderno que seja, jamais conseguirá se livrar dos mitos e eliminar sua imaginação mais profunda ganha destaque e estimula reflexões com relação a relevância dos mitos na sociedade.

O que notamos diante desse quadro é que a fé, a esperança e a coragem são elementos principais trazido na reportagem, revelando assim, que há uma mensagem simbólica nas narrativas jornalísticas, nos ensinando assim como Teceu, a vencer o Minotauro dentro do nosso labirinto, procurando sempre esse centro que nos coordena de modo a destruir essa fera interior, que nos habita e que nos faz regredir diante das incertezas e do medo da morte.

Em outro sentido, remetemos a Odisseia de Homero que relata a trajetória de Ulisses de volta a Ítaca. Durante esse percurso de volta para casa, para sua fiel esposa Penélope e sua família, Ulisses depara-se com grandes desafios, mas sua força coragem e perseverança o empurram para frente e o fazem sair vencedor, garantindo seu retorno e seu lugar no mundo.

O que ensina então esse mito? É preciso acreditar nos nossos ideais, nas nossas lutas, vencer nossas limitações, acreditando sempre que a força que vem de dentro é a maior de todas as forças e armas, pois está força une, constrói e nos conduz em meio ao caos e incertezas a concretude da raça humana.

Ao fazemos parte desse quadro de interpretações simbólicas ao qual o homem sempre esteve inserido a teoria do imaginário, apresenta-se como uma ferramenta para investigar o fenômeno jornalístico, especificamente nos estudos do imaginário coletivo na imprensa, o que nos estimula a termos uma atitude epistemológica e metodológica, mais pela via compreensiva do que explicativa. Nesse sentido, no aspecto jornalístico a mensagem no relato aqui apresentado nos aproxima de Hermes, mito grego, responsável entre outros atributos pela informação e pela ligação



entre a vida e a morte. Hermes é também o deus da comunicação que une e que separa, transita em tempos diversos.

Hermes é o deus da comunicação e da diferença entre os comunicantes, deus das encruzilhadas, arquétipo do sentido de toda linguagem. Por um lado, ele é o guia, o pastor, o condutor; por outro, é portador de um certo tipo de conhecimento, saber hermesiano, dado ao domínio retórico e interpretativo. É o responsável pela realização da coincidentia oppositorum alquímica, pelo tetium datum, pela hermenêutica, pelo hermetismo, pela hermética ratio, pela condução das almas, seja levando-as ao mundo dos mortos, seja trazendo-as. (ALMEIDA, 2014 p. 69).

É Hermes que norteia toda a narrativa jornalística de forma simbólica, nos oferecendo sempre informações, relatos do combate entre “Titans”, aqui compreendidos como o Herói e o Monstro da transposição, tais elementos transgridem a ordem cartesiana e objetiva dos relatos jornalísticos e nos envolve em sentimentos e afetos, construídos através dos gestos e de nossas matizes arquetípicas. É na luta travada entre a angústia da morte do próprio Bispo e do rio que os jornalistas da TV vivenciam uma narrativa mítica.

5. Considerações Finais

Diante de toda a pesquisa aqui apresentada partimos agora para o que chamamos de considerações finais, contendo entendemos as inúmeras possibilidades que esse estudo proporciona no campo da pesquisa do jornalismo e da teoria do Imaginário, assim ao analisarmos as histórias contadas e recontadas pelas notícias no telejornal, essas nos revelam os mitos que estão presentes em nossa essência humana e habitam a memória coletiva da humanidade.

Ao relatar fatos, desejos, esperança e as negatividades presentes nas notícias, notamos que são reproduzidas matrizes arquetípicas que conformam nossa existência perante a fatalidade da morte. Ao assumir essa postura somos estimulados a refletir o quanto o pensamento, a imaginação e as imagens estão intrinsecamente relacionados a nossa essência humana, e como tais elementos do espírito influenciam objetivamente nossas práticas sociais, sejam elas pessoais ou coletivas, independentemente de ter por traz ou não uma faceta histórica.



Nesse sentido, partimos do pressuposto de que o discurso do telejornalismo favorece o surgimento de mitos e imagens que dentro da nossa visão estão presentes em todo o processo de construção da reportagem, e que mesmo acontecendo de forma involuntária, repercute na técnica jornalística de modo a estimular os estudos dessas imagens que permanecem o nosso inconsciente, tanto individual como coletivo.

Essa articulação e esse lugar de onde falamos nos possibilita então traçarmos algumas considerações inseridas na Teoria do Imaginário, onde o mito se articula de modo a nos revelar formas, modelos de pensar, agir e até mesmo refletir sobre nossa trajetória, o nosso cotidiano. Entendemos assim, que o resgate da imaginação, a expressão de uma razão sensível e o pensamento complexo atuam de maneira intensa na valorização de um mundo plural, mas aberto as diferenças e menos cartesiano, enxergamos assim o mito como elemento primordial na jornada de nós mesmos, nos possibilitando através de suas narrativas um auto - conhecimento que atinge também as nossas práticas cotidianas.

Todo esse quadro ao qual estamos inseridos tem sua essência na quebra hegemônica da divisão de dois mundos oferecidas por Platão, onde ao falar do mito da caverna o filósofo estabelece a distinção entre um mundo superior ao outro. Essa visão se fragmenta ao passo que constatamos que o homem é razão, mas também é emoção, dizendo de outra forma, logos e mythos, constituem os sujeitos num processo ligado aos sentidos do corpo a mente.

Nesse cenário de igualdade de mundos, como forma de garantir a trajetória da humanidade, a produção do conhecimento deixa de ser uma exclusividade da ciência e passa a ser reconhecida em outros segmentos, como a religião, a arte e a literatura. Ao adotarmos essa postura compreensiva fazemos ciência não de forma conclusiva, dogmática e iluminista, mas acima de tudo aberta a mudança, ao devir. O mundo em plena transformação.

Nesse fluxo de mudanças e misturas onde o conhecimento é fluido e não demarcado, a nossa pesquisa revelou como o mito se processa na narrativa jornalística de modo real e imponderável. Não tivemos o interesse de darmos explicações fechadas e conclusivas durante a escrita desse artigo, mas sim oferecer novos caminhos na interpretação do social de modo a contribuir com os estudos da teoria do imaginário e sua relação com o telejornalismo.



Nesse processo de aplicação da mitocrítica, encontramos no mitema a imagem do destemido, aquele que luta sem medo na posse de suas qualidades físicas e mentais, trazendo para a narrativa do telejornal o arquétipo do herói, num regime diurno de imagens. O arquétipo encontrado é aquele capaz de doar a vida em prol de uma causa, de lutar com todas as forças pelo que acredita. No segundo passo, partimos para o mitologema, ou seja, o resumo da obra, que se configurou como o medo da morte do rio, das águas secarem, da vida desaparecer. Pressupomos que esse medo é o estimulador da sociabilidade, que nesse caso promove a união dos vários personagens da reportagem analisada, uma espécie de energia de aura como diz o próprio Walter Benjamim, que não podemos pegar mais sentir, pois está presente na elaboração da matéria jornalística.

A narrativa Canônica encontrada nessa análise é o padrão desse mito e sua relação com a mensagem de superação e coragem, onde é preciso enfrentar nossas angustias e combater nossos medos diante o tempo e a morte. A variante do mito manteve-se na dualidade apresentada na narrativa do telejornal, onde vida e a morte, cruzam-se a todo instante, sendo que de um lado o medo do rio secar estimula o embate com grandes estruturas governamentais, se traduzindo na angústia da morte,

Em todo o processo da construção de nossa pesquisa até aqui nos posicionamos de forma a termos uma visão coerente com a teoria escolhida, não adotando posturas fechadas e positivistas, na análise das narrativas jornalísticas, elegendo assim, tanto a razão como a imaginação e o onírico constituintes das relações sociais, nesse passo resgatamos a imagem e o mito como elementos presente em todas as relações simbólicas da humanidade, que estão a significar a vida, nos oferecendo modelos de interpretação do mundo e de nossas ações perante a vida cotidiana.

Diante desse quadro onde elegemos o simbólico como elemento de potência de interpretação das relações individuais e coletivas, encontramos o mito de Hermes, o mensageiro, aquele que une, mas também desconstrói. Presente desde o início da pesquisa, quando optamos por estudar as narrativas do telejornal fugindo dos cânones positivistas e ideológicos de manipulação, esse mito nos revelou aspectos aos quais nos propusemos pensar essa narrativa do telejornal, misturando o real com o onírico, cruzando os caminhos e elegendo pontes que trazem e levam conhecimento,



observando que no telejornal essa tão difundida objetividade se mescla com arquétipos coletivos.

Nessa pesquisa propomos então uma compreensão do quanto estamos em plena transformação, onde regras e estruturas modernas de pensar e agir cruzam-se com tantas outras, não de modo a dizer que uma é superior a outra, mas de misturar-se em várias teias de significados, onde as certezas e os modos de agir se fragmentam e nos fazem perceber o quanto a vida está em eterna transformação, nesse ponto as imagens, não apenas as materiais, mas as imagens conceito, traduzem-se em expressões na compreensão do mito.

Referências

ALMEIDA, Rogério. As Máscaras de Hermes: uma mitanálise do pós moderno. In: ARAÚJO, Alberto Filipe; GOMES, Eunice Simões Lins; ALMEIDA, Rogério de. **O Mito Revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário**. São Paulo: Kepós, 2014

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**, com Bill Moyeres. SP: Palas Arthena, 1990

CAVALCANTI, Carlos André; CAVALCANTI, Ana Paula. **O que é o imaginário? olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durant**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

DURAND, G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 11, n. 1-2, p. 244-256, 1985.

_____. **A imaginação simbólica**. SP: Cultrix/EDUSP, 1988.

_____. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1996.

_____. **O imaginário**. RJ: DIFEL, 1997.

_____. **Crítica de arte: cômoda irresponsabilidade e missão não cumprida**. São Paulo, 2001, mimeo. FORJAZ, M.C. Cientistas e militares no

_____. **Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, análise e mitocrítica. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 11, n. 1-2, p. 244-256, 1985.

_____. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.



ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. SP: Martins Fontes, 1991

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6.ed. SP: Perspectiva, 2004.

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social**. 2 ed. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.

GOMES, Eunice Simões Lins, SILVA, Leyla Thays Brito da. **O prantear feminino-da dor ao heroísmo: uma análise mitocrítica no Evangelho Apócrifo de Pedro**. In: GOMES, Eunice Simões Lins (Org.). **Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2011.

LEVY-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. RJ: Tempo Brasileiro, 1996.
MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Psicanálise do Texto: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea. Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, IX, 2000, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Belo Horizonte: Compós, 2006.

PITTA, D. P. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**. SP: Hacker, 2001.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TEIXEIRA, Maria Cecilia Sanchez. **Entre o real e o imaginário: processos simbólicos e corporeidade**. RJ: Espaço informativo técnico-científico do INES, 2004.
TV GRANDE RIO. **Início Greve de fome**. Petrolina, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x16ERpJr1-k>>. Acesso em: 30 maio 2015.

VIZEU, Alfredo Eurico; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo Eurico (org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 08/07/2017.

